

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Typographia de Paula Brito** — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a corte, e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados. Ns. avisos, 160 rs.

A MARMOTA.

ARTE DE GOVERNAR AS MULHERES.

TERCEIRA PHASE.

DURANTE O ESTADO INTERESSANTE DA SENHORA.

(Continuação do numero antecedente.)

O doutor accudio ao vosso chamado e acha-se sentado em uma poltrona, ao lado da senhora vossa esposa. Homem do mundo antes de ser homem da sciencia, parece querer fazer ler na sua gravata branca, atada segundo o costume dos medicos, toda a gravidade necessaria para a importante consulta a que fora convidado.

Enquanto delicadamente toma o pulso á sua doente, conversa com ella sobre modas, saias halões, etc., e convosco argumenta sobre politica, cavallos do Cabo e questões bancarias. Elle sabe tudo, tudo conhece, até mesmo um tanto ou quanto de medicina.

Bem como a maior parte de seus collegas, além do antigo systema ordinario para o exercicio de sua profissão, elle proprio inventou para si um outro, a *persuasão*, pelo qual faz admiraveis curas. Trata primeiro do moral do que do physico, e tem o inapreciavel talento de persuadir-vos que vos restabelecerá de vossa enfermidade, que

nada tem ella de grave, e isso mesmo quando já vos sentis ás portas da morte. Não é uma grande consolação morrer-se assim?

— Doutor, lhe dizeis, eu desejava consultar-vos sobre um ponto muito delicado e a que ligo summo interesse: será certo que um marido prudente nada pode nem deve recusar á sua mulher, quando ella se acha no melindroso estado da senhora?

O doutor, depois de sorrir com ar malicioso observando vossa mulher, parece recolher-se por um momento afim de dar mais importancia á sua resposta. Vossa attenção acha-se suspensa dos seus labios, que vão formular o supremo aresto.

O doutor exprime-se assim:

— Senhor, como homem do mundo que sou, haveis primeiro permittir que eu vos observe que um marido cavalheiro e amante de sua mulher nada pôde, nada deve recusar-lhe, qualquer que seja o seu estado.

Anais com a cabeça applaudio e graciosamente sorrio para o Esculapio, enquanto vós, involuntariamente, sem vos poderdes conter, fazeis uma ligeira careta.

O doutor, animando-se cada vez mais, prosegue depois.

— Como medico, tambem sou forçado a confessar-vos, senhor, que a sciencia, pouco cortex por natureza como por habito, necessita muitas vezes das leis da galantaria.

Anais não se pode conter de alegria; de boa vontade lançar-se-hin ao pescoço do amavel doutor si as conveniencias não a

— Falla mais, mais; eu quero ainda ouvir-te...

— Ah! deixa-me.

— Mais nada? Sim, tu tens razão: eu sou um monstro de crimes, e o maior de todos é o te-haver amado! Eu conspiri contra a vida de meu marido e benefeitor: e tu? tu não conspiraste contra a vida de teu amigo?

— Oh! cala-te... cala-te...

— Impostor. Quem é que me des-enca-minhou com um amor criminoso e louco, não foste tu? Quem me aconselhou para largar fogo á minha casa e fechar antes a porta do quarto em que dormia meu marido, liado em que elle não se-acordaria por causa de seu somno duro, e assim vel-o morrer queimado: não foste tu? Quando o preto João salvou Augusto das chammas, quem foi que do tellhado atirou-lhe um pedaço de caibro para o matar, e que errando feriu o preto, não foste tu? Depois que te escapaste de Augusto, fugindo pelo muro de minha casa da cidade, o que eu te disse que meu marido não tinha acreditado na declaração da preta, e que desconfiava de mim: quem foi que me resolveu a envenenal-o, não foste tu? Quem me deu o veneno, com que dei fim á vida de Augusto, não foste tu?

contivessem. Contenta-se pois em lançar-lhe um olhar cheio de reconhecimento e de admiração.

Quanto a vós, fazeis nova careta, e com toda fleugma acrescentais:

— Assim, pois, devo impor-me a rigorosa obrigação do satisfazer em tudo a vontade da senhora.

— Em tudo, respondeu o inexoravel doutor.

— Mesmo no que for impossivel e absurdo? dizeis com uma ironia que nem procurais disfarçar.

— Mesmo no que for impossivel e absurdo, respondeu ainda o implacavel doutor.

— Oh! quanto a isso pôde meu marido ficar descansado, acrescenta alla: por quanto *presentemente* só me sinto disposta a pedir-lhe o que for possivel, como por vós mesmo podeis ajuizar, doutor. — Vem a esta casa muitas vezes, quasi sempre, jantar connosco um amigo, que me não pode agradar, porque é feio, muito feio. Portanto, e *attendendo sobretudo ao meu estado*, exijo que meu marido o despeça e isso quanto antes, a menos que não deseje ter por filho um aborto semelhante ao seu amigo. Mas não, não pôde querer, porque isso seria levar a amizade por de mais longe.

A vista d'essa ameaça feita á amizade que dedicais ao vosso velho Castor, não vos podeis dar por batido, e objectais que o vosso amigo não é tão feio como querem fazel-o.

Laura, muito suffocada em colera, suspendeu aqui o seu horroroso discurso, ou antes medonho apontado de nefandos crimes seus e de seu amante. Este ainda lhe-dice:

— Oh! tudo isso é verdade, verdade horri-vel! Mas quando convivim contigo nesses crimes, eu suppunha que tu conspiravas sómente contra um marido a quem não amavas, mas não contra o homem a quem devias a vida, contra um benefeitor, contra um...

— Um amigo teu, não é assim? Eu conspiri contra o homem a quem devo a vida, contra o meu benefeitor, e porteus conselhos, mas conspiri contra um marido a quem não amava; e tu dirigiste os meus passos contra aquelle homem a quem devias dinheirc, amizade e protecção; contra aquelle em cuja casa tu tinhas tanta liberdade, como na tua mesma casa! Eu assassinei a meu marido, e tu ao teu melhor amigo!..

— E ambos nós não somos mais que dois criminosos, e bem perversos! Nós nos-devemos detestar com um odio do inferno, e aborrecer um ao outro!.. Laura, se já não é tempo de remediar nossos crimes, seja ao menos tempo de lastimar-nos. Separemo-nos, pois, e seja a nossa separação uma separação de morte!..

FOLHETIM.

O FILHO DO PESCADOR

Romance Brasileiro

ORIGINAL

POR

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA
E SOUSA.

(Principiou no n. 1065.)

— Laura... que temos nós feito! acrescentou o amante com doloroso accentto. Laura, tu acabaste com a vida do homem, que se-arriscou á morte para salvar tua vida em um naufragio!.. Tu acabaste com o teu benefeitor, com aquelle que te-arrancou das garras das ruinas e da miseria, para elevar-te ao grão de sua esposa!.. Que horror!.. Laura, Laura... que temos nós feito!..

— Continúa, eu te-escuto e te-escuto tranquilla; falla, falla mais.

— Que negro, que horrendo crime!..

A essa objecção o doutor responde com vivacidade:

— Não importa; basta que o pareça á senhora, para que não vos demoreis em affastal-o d'ella... Si elle fosse bonito, isso sim, era outro caso... Deveríeis deixal-o muitas vezes, quasi sempre só com ella, pelas vantagens que resultariam para vossa progeneratura.

— Desgraçadamente não é, diz ella soltando um grande suspiro.

Antes de retirar se o doutor chama-vos de parte.

— Senhor, vos diz elle, resta-me ainda prevenir-vos sobre certas exigencias que a senhora, sob a influencia do seu estado, poderá fazer-vos e ás quaes é preciso conformar-vos, custe o que custar.

Tremeis, o suor corre em bagas pela vossa fronte escaldada; o doutor percebe-o, mas a sua missão de medico força-o a proseguir d'essa piedosamente.

— Assim, vossa mulher poderá pedir-vos... antes de tudo quero prevenir-vos que não vou inventar, e sim citar-vos factos conhecidos da sciencia. Como dizia, vossa mulher poderá pedir-vos que danseis sobre uma corda bamba, que lhe arranjeis um prato de niolos de eysne, que façais o vosso agudeiro membro da academia franceza, que lhe apresenteis um critico tão independente como imparcial, um artista dramatico com mais talento do que orgulho, um dentista que exerça a sua profissão só em proveito da humanidade soffredora, um banqueiro menos duro que a fechadura de sua burra, um agiota que cuide mais da patria do que da alta e baixa dos cambios, um medico que não haja pelo menos mandado um doente queixar-se d'elle no outro mundo,—enfim uma porção de coisas tão extravagantes como desrazoaveis e para cujo cumprimento torturará a vossa imaginação. E' disto que eu queria prevenir-vos: pensai bem.

E depois que o terrivel doutor sahio, calis sobre uma cadeira, perguntando-vos com visível desespero:

— Mas o que será feito em tudo isso de minha autoridade marital? Ah! veja-a hor-

— Tu zombas de mim?

— Não, Laura. Vae encerrar-te no fundo de um convento, e ali ante os altares, chora de continuo os teus horrendos crimes... Ao menos...

— Bem; irei ser freira. E tu vás ser frade, não é assim?

— Irei... irei... não sei para onde... Laura, adeos, e adeos para sempre.

E sem mais nada escutar, avança para a janella, abre-a com estrondo, e saltando para fóra encaminha-se para a cidade.

Estas eriminosas declarações vos-revelam todo o sentimento da epigraphie do capitulo IV. Tornai a lê-la.

CAPITULO IX.

DEOS TE-PERDOE.

No meio dos mais horrosos crimes ha sempre um fundo de moralidade; conhece-a está em estudal-os. Estudemos, pois, os crimes, não em si proprios, mas em seus resultados e em sua origem; então um vó rasgar-se ha diante de nossos olhos, e esse cubo apresentará ao nosso exame uma face bem diversa d'aquella que antes observavamos. No fim de tudo, notemos que os premios e castigos andam sempre de envolta com os bens e com os males.

Temos direito áquillo que se-nos-promet-

rivelmente compromettida!.. Em vez de governar minha mulher, é ella quem me vai governar, e de um modo o mais absoluto, o mais tirânico. Ah! quanto custa querer ser pai e no mesmo tempo conservar-se a autoridade de dono da casa!.. Isto vai dar-me muito em que pensar!..

(Continúa.)

Curtas a Lidia.

2.ª CARTA.

Minha amiga—Fui ultimamente ao Gynasio assistir á representação dos *Dous Mundos*, e confesso-te que não dei por mal empregado o meu tempo. Estava lá aquella *peçoinha*, que distrahiu-me consideravelmente, de modo que não prestei a menor attenção á comedia: se della, pois, alguma coisa te disser, fica certa que não faço mais do que repetir o que ouvi de meu pai.

Como te disse estava lá o C. e levamos toda a noite, segundo a phrase dos bahianos, a *empurrar navios um para o outro*. Que olhares ternos elle me lançava! como me parecia ler em seu semblante todo o amor que elle confessa sentir por mim! Tu o conheces e sabes se elle tambem merece ou não que eu o ame, se mereço que eu lhe preste mais attenção do que ao tablado de um theatro. E demais, quem ha que se importe com o que na scena se passa, quando um drama ou uma comedia é, em resumo, uma historia de amor, e quando dessa vastissima historia somos tambem uma importante personagem? O drama em geral só é proprio para os velhos e os meninos: para os velhos, porque recorda o seu passado, os episodios de sua vida e dos seus amores; cada scena é uma peripecia que por sua vez já elles representaram; cada personagem é um typo por elles já estudado, com quem já se tem elles visto em contacto uma ou mais vezes.

Serve o drama para os meninos, porque com o coração ainda desprevenido sobre o bem e sobre o mal, é alli que muitas vezes elles sonham com a gloria dos combates vendo o typo, por exemplo, deum *Modorra*,

le. Eu, pois, vos-prometti, bella Emilia, dar-vos uma historia moral: é bem: sendo assim é justo que eu faça algumas reflexões sobre este desastroso passado que acabaste de ouvir. A' vista do quanto fica dito diffícil cousa sem duvida é o determinar qual destas duas creaturas, infinitamente criminosas, a mais criminosa era.

Quanto a mim, as circumstancias, que aggravam seus crimes, estão em um tão perfeito equilibrio, que ambas são a nossos olhos horrivelmento criminosas; sem que em nem-uma das partes haja a menor qualidade attenuante, que minore a intensidade de um tal delicto! Em ambos estes dous funestos amantes havia, além do crime de incendio, do de adulterio e do da morte de Augusto, o detestavel crime da ingratição!

Parece que injusto seria quem na sociedade dos homens os crimes julgados fossem em si mesmos e não pelas suas consequencias. Ha crimes bem horrosos, mas que todavia a sua influencia não passa além do acto do crime; são crimes, cuja perpetrção constituem o seu principio e a sua consummação. Ao contrario, outros ha, que parecendo pequenos em si, a sua acção se-vai empregar

ou com os louros da poesia vendo o de um *Luiz de Camões*, ou com o das bellas-artes vendo o de um *Raphael*. Nosso sexo, minha amiga, neste paiz principalmente, a unica aspiração que pôde ter é a do casamento; o theatro para nós é como o baile — um meio de obtermos aquelle *desideratum*, como dizem os deputados. Se não queres, porém, que seja este o unico fim, porque aos espectaculos concorremos, nós, cuja vida não tem ainda um passado, por assum dizer, e cujo futuro é para todas o mesmo, então não sei qual elle seja.

O publico frequentador de theatro divide-se em tres classes, como diz V. Hugo: na primeira classe entram os que apreciam o enredo; na segunda os que preferem o estylo, e na terceira os que antepoem a isso tudo a declamação e aquillo que os francezes chamam *mise en scene*.

Por muito favor concedo-te que pertencemos á primeira dessas classes, por tendermos naturalmente para o romantismo. Estás satisfeita? Sim? Agora responde: o que é a vida de uma moça que ama, senão um romance? Os seus encontros, os temores que sente de perder o objecto de suas affeições, os receios que experimenta de sua fidelidade, tudo isso não lhe dá uma nova vida — a vida do drama com todos os seus apparatus? Si dá!.. Então que necessidade temos de assistir á sua representação, quando nós mesmas já fazemos uma parte delle?

Já vês, minha amiga, que se não prestei attenção ao que em scena se passou, foi porque tive razões para isso. Mas como não quero que fiques jejuando sobre o que de bom se deu na representação dos *Dous Mundos*, socorrer-me-hei do que meu pai me disse acerca desta comedia.

Antes disso, porém, lê esta poesia que elle mandou-me e que diz ter sido feita por um seu amigo, a quem a bella dos sonhos eus não corresponde como elle deseja. Lê:

Já vou sentindo o halito da morte
Pouco a pouco encurtar-me a curta vida;
E no triste espinhar de acerbas dores
Nem a voz d'amizade faz-se ouvidal

em uma ou mais pessoas diversas, e ás vezes ao travez de alguns annos.

Nós já vimos em que crimes incursos estão os nossos personagens, e que além dos tres primeiros grandes crimes, ha o da ingratição. Este, que entre algumas nações não é olhado senão como um erro em si mesmo, talvez porque não poucas vezes carece de consequencias funestas, com effeito, povos tem havido que o tem considerado como um horrendo delicto, e como tal o tem sujeitado ao rigor das mais severas leis. Entre nós mesmo pessoas ha que não duvidariam votar graves penas em punição do pae da mór parte dos crimes!

Geralmente falando parece que os mais funestos de quasi todos os crimes são a morte e o adulterio, por irremediaveis em suas consequencias, pois que si n'aquelle ha a morte physica de um individuo, neste não deixa de haver uma especie de morte moral a alguns respeitois disto a que o mundo chama honra e que (confessar-nos cumpre) é indispensavel na sociedade!

(Continúa.)

Que dias repassados de agonia!...
É como a noite me parece escura!...
Anjo da morte vela-me o silencio,
Apontando-me aberta a sepultura!

Mulher dos meus amores! não te move
Por ventura o pezar que me entristece?
Não te move essa angustia em que minh'alma
Nos delirios de amor triste amortece!...

Ja sei, mulher! ja sei... punge-te a magoa
De haveres dito que me amavas tanto,
E um outro coração talvez procures
Em que não haja tão somente o pranto!...

Foi tão bello o passado que me deste,
De tantos sonhos de um porvir de amores!...
Porque trocaste da esperança os sonhos?
Porque me deste da saudade as dores?

E' borboleta... mas cuidado... o insecto
Tanto dondeja que se queima assim...
E's borboleta... e tuas lindas azas
Não procures tambem queimar assim!...

Vês este lume em que me abraço ha tanto?..
Sobre elle vò e esse lume atã...
Que importa queime, se esse fogo é santo,
Filho do amor que os eses encadê!?...

Anjo dos céos, um teu sorriso basta?
Dá-me um olhar que morrerei contente...
Depois... embora! Chama-me de louco,
E ao tumulto arroja o infeliz demente!

Agora passemos ao assumpto de que primeiro tratavamos.

Diz meu pai que a comedia é da escola moderna, e que se não rivalisa com *As Mulheres de marmore* ou com *O mundo equivooco*, não lhe fica muito inferior. O assumpto é o seguinte:

Uma mulher, cujo marido morreu, vê-se na necessidade, para fortar-se á miseria, de viver com um d'esses *philantropos*, que infelizmente abundam por toda parte e que em troca de sua hora dá-lhe sedas, galas, carruagens e palacio.

Essa mulher que não havia ainda amado, porque o seu casamento fora apenas resulta-

FOLHETIM

O DESTINO

ROMANCE ORIGINAL

POR

A. A.

(Principio no n. 1073.)

Se o medico tivesse se demorado mais dous minutos em lugar de uma enferma encontraria um cadaver.

A medicina salvou a doente. O Dr. Jorge tinha 26 annos; era de altura regular, cabellos pretos, nariz grego, bocca bem conformada, os olhos eram da cor dos cabellos.

Nos traços de seu semblante lia-se a bondade da sua alma.

Apesar de moço tinha já a sciencia dos mestres.

Caritativo como o Dr. João Alves Carneiro,

do de conveniencias, vem a apaixonar-se por um joven poeta, que do operario passou a frequentar os estudos, protegido por um primo tambem operario, com quem elle morava, e que o soccorria com o fructo de seu trabalho a ver se era possível aproveitar aquelle bello talento.

Antes porem de continuar e para maior acilidade da exposição, deixa que te diga os nomes dos principaes personagens da comedia.

Fernando é o joven poeta que loucamente se apaixona por Constança. Esta luta muito tempo consigo mesma para não ser infiel á Seabra, que no entanto vem a descobrir o segredo d'aquelles amores, por uma perfidia de Genoveva, preceptora d'ella.

Seabra excogita todos os meios de fazer Fernando cahir da estima de Constança; entre outros accende o facho do ciume em seu coração, dizendo-lhe que Fernando tem uma amante com quem vive. Constança para certificar-se vai á casa que lhe indicaram, e lá encontra com effeito uma joven e linda costureira, chamada Margarida, que, em vez de amante, porém, era sua prima e irmã de Francisco, o operario de que fallei-te.

O ciume pois em vez de extinguir o amor, como Seabra pensava, servio para steal-o mais.

Um dia jantavam em casa d'este ultimo varios amigos e entre elles Fernando. Seabra prepara uma scena de escandalo; manda chamar Francisco para encommendar-lhe umas obras e proporciona aos dous amantes alguns momentos para se fallarem. Elles com effeito aproveitaram-n'os; e quando se achavam no mais doce de seus enlivos, eis que Seabra os surprehe, mal podendo conter a colera que o abrasava. Lança em rosto á Constança toda a sua perfidia, os sacrificios que por ella tem feito, as sedas, os brilhantes que lhe tem dado etc., tendo apenas em resposta mil protestos do que elle não foi ainda atraído. Diz que é verdade o amor que por Fernando sente, mas que esse amor é um affecto intimo, o mais querido dos seus sentimentos, o que como fora livre

o Dr. Jorge quando era chamado não perguntava se ia para casa do rico ou do pobre.

Seudo procurado para ir a casa da madrinha de Julia, apresentou-se promptamente, e fez triumphar a sciencia de Hypocrates.

Julia no fim de algumas horas recuperou a intelligencia, mas depois cahio em estado de abatimento e de espasmo.

O medico não a abandonou, zeloso e providente dedicou toda attenção á sua doente; porem a pobre moça tinha ainda que soffrir; foi atacada de uma paralyxia que matou-lhe o movimento de metade do corpo.

Continuou o medico as suas visitas. Decorreram assim dous mezes.

Todos os dias um velho passava pela porta da casa de Julia e procurava saber do sua saúde; quem elle fosse a moça não o sabia.

Do seu pai não soubera mais noticia alguma.

Certos pais por qualquer falta dos filhos esquecem-se d'elles e os abandonam; fazem como os carcereiros, que ás vezes deixam os condemnados morrer nas lages das prisões.

Antonio da Silva perdeu no jogo da loteria a pequena fortuna que tinha; a ambição roubou-lhe o dinheiro. Vendo-se pobre o

em vender-lhe o corpo, tambem o devia ser em dedicar a quem quizesse o seu espirito. Nesse interim os demais amigos que se achavam na sala do bilhar, chegam precedendo poucos instantes a Francisco.

Fernando está em pé, pallido, com o peito arquejante. Seu primo entra, reconhece-o e quer lançar-se em seus braços, mas elle o repelle dizendo não reconhecê-lo. Está n'aquelles salões em que tudo é seda e damascos, está em presença de sua amante dona daquellas riquezas, não pode e não deve ter um primo, cujas mãos calejadas inculcaram ser um pobre operario!

Ateam-se as chammias. Francisco amaldiçoou seu primo e aponta Constança como causa de tamanha ingratitude. Seabra por sua vez diz ante todos que Fernando não passa de um miseravel operario, que não tem outros recursos que os dados por sua prima, sua amante, com quem elle vive. Ah! Francisco pede a Fernando que defendda a honra daquelle moça que era sua irmã, este porem continúa callado—A desgraça por demais já passava sobre elle.

Estamos no ultimo acto. O scenario representa a triste mandara dos pobres operarios. Margarida está só e não sabendo ainda do que se tem passado, espera por Fernando e por Francisco.

Batem, vai ver quem é, e entra Constança, que depois de algumas hesitações conta-lhe todo o occorrido. Margarida, que d'este muito tempo tambem amava a Fernando com todo o entusiasmo de um joven coração, trahiu o seu segredo. Constança já o sabia e promete que fará com que se casem, pois, retirando-se do mundo para entrar para um convento como pretende, está certa que Fernando não lhe recusará aquele seu ultimo pedido.

Com effeito assim acontece, casam-se o depois de alguns episodios, que não tenho tempo para especificar, termina aquella bella comedia.

Confesso-te, minha amiga, que já estou cansada de tanto escrever-te; mas não quero terminar esta sem dizer-te que desempenharam os principaes papeis da comedia

tendo perdido sua mulher, tornou-se melancolico, e como Carlos o Temerario que por ter perdido uma batalha não quiz fazer mais a barba, assim Antonio da Silva vendo exausta a sua fortuna e morta a sua mulher, começou a deixar crescer a barba e vio em breve tornarem-se brancos os seus cabellos; tambem Danglas achando-se pobre, vio, mirando-se nas aguas do Tibre, os seus cabellos tornarem-se brancos de um dia para outro.

Julia cada dia experimentava melhoras.

Sentia grande prazer quando o seu medico chegava e parecia-lhe até que a parte de seu corpo, que estava privada do movimento experimentava alguma excitação com a presença do Dr. Jorge.

Já então o coração de Julia amava o seu medico.

Muitas vezes quando o Dr. Jorge se retirava ella bafejava sobre um espelho que tinha junto ao seu leito e escrevia sobre o vidro o nome do seu medico; o mesmo fazia Mlle. de Montpensier para declarar o nome do homem que amava.

O Dr. Jorge demorava-se nas suas visitas; parecia tambem que havia já alguma cousa que prendendo o coração do homem, retinha

e perfeitamente, nada deixando a desejar, as Sras. Gabriulla e Ludovina; e os Srs. Moutinho, Furtado Coelho e Heller.

Estás satisfeita com a descripção que te fiz? Si não está melhor, si não foi mais extensa a culpa não é minha; pensa e verás si não tem razão a

Tua amiga,

Celia.

A VIRGEM DOS SONHOS MEUS!

Reclinada em abandono
Sobre um leito de jasmims,
Dormia ligeiro somno
Cercada de cherubins,
A virgem dos sonhos meus.

Sobre o collo alabastrino
Pela briza hafejado,
Tinha o cabelo aureo fino
Em desalinho espalhado
A virgem dos sonhos meus.

Sobre as faces duas rosas
Entre-abertas se mostravam,
E tão lindas, tão mimosas,
Jubilosas perfumavam
A virgem dos sonhos meus.

Sobre os olhos cor do céu,
Sem rivaes na terra ter,
Lançado por Deos um véo
Socego vinha offreceer,
A virgem dos sonhos meus.

Sobre os labios de carmin
Um sorriso deslizaava,
E julguei-a um seraphim
Esquecendo que mirava
A virgem dos sonhos meus.

Sobre o ar que respirava
Um perfume se espargia,
Que suave embriagava
A virgem que ora dormia,
A virgem dos sonhos meus.

o medico acostumado a fazer visitas de momentos.

Depois de trez mezes estava Julia restabelecida; tinha recuperado toda a sua sensibilidade e movimento.

Então disse-lhe o Dr. Jorge:

—Está satisfeita a minha missão, desejo que a saúde agora não vos abandone mais.

—Obrigada, Dr., e peço-vos que acceiteis essa lembrança da vossa doente; e deu-lhe uma cruz de coral que trazia presa ao seu pescoço.

—Eu vos agradeço, e guardarei esta dívida como uma lembrança do anjo que salvei.

O Dr. Jorge amava a Julia.

Quando ainda essa moça estava tão desfigurada, que dir-se-hia ter no semblante a imagem da morte, parecia que o Dr. Jorge já achava no rosto da sua doente todo o encanto e belleza. Então já elle amava a sua enferma.

Esquecia-se de tudo quando vinha á casa de Julia, e só se lembrava dessa mulher a quem dera ao principio a vida e depois a sua alma o coração, vendo que o seu amor vivificara o coração de Julia, determinou pedil-a para esposa, mas não querendo

Sobre o seio de christal
Palpitava com brandura,
O coração virginal
D'um id'lo de formosura,
A virgem dos sonhos meus.

Sobre a cinta delicada
Qual o calix de uma flor,
Tinha a dextra descansada
A virgem do meu amor,
A virgem dos sonhos meus.

Sobre mantos verdejantes
De boninas matizados,
Conservava fluctuantes
Os posinhos delicados
A virgem dos sonhos meus.

Vendo-a assim só, entre as flores
A face tentei beijar-lhe,
E ebrio por mil odores
Nem se quer pude tocar-lhe,
A' virgem dos sonhos meus.

Não recuo... insisto ainda
Arrebatado de amor:
E beijando-a assim tão linda,
Conheci ser uma flor
A virgem dos sonhos meus!

Thomas Cameron.

OS HOMENS

JULGADOS PELAS MULHERES.

(Continuação do n. 1062).

AMABILIDADE.

Certa senhora censurava uma sua amiga por amar um homem muito feio; esta disse-lhe. « Elle já vos fallou teraa e apaixonadamente?—Não, respondeu a primeira. —Então, replicou a segunda, não podeis julgar se elle é amavel ou não.»

(Mme. duqueza DE ORLEANS).

Muitos homens deixam na porta de sua

commove a pobre moça, que á pouco deixara o leito da doença e do martirio, despediu-se daquella que a sua alma já lhe tinha dito que devia ser a sua noiva.

—Até aqui, Dr., viestes a esta casa como medico, agora podeis continuar a vir como amigo.

—E desejo, por Deos, D. Julia, que em breve possa vir aqui buscar a minha felicidade.

—O medico despedio-se de sua amante. —Esperai, disse um velho entrando no quarto de Julia.

A moça ficou pallida como o cortinado de sua cama.

—Destes vida a esta moça, agora peço-vos que lhes dêis posição,

—Meu pai, disse Julia abraçando os joelhos de Antonio da Silva.

—Senhor, quanto vos devo...

—Nada tendes que agradecer-me, Doutor, tudo provem do destino. Vendo-me pobre e morta minha mulher, vim para esta provincia. Todos os dias passava pela porta desta casa e perguntava pela doente que aqui havia. Só Deos sabe quanto soffria então a minha alma. Estava arrependido da desgraça que tinha causado á minha familia,

habitação a amabilidade seductora de que andam revestidos na sociedade.

(Lady PENINGTON).

AMANTE.

Um amante é um homem em cujas mãos uma mulher abandona a sua reputação e ventura; é quasi sempre a garganta do lobo.

(Mme. AGLAÉ ADANSON).

As mulheres não são dispostas a julgar o coração dos seus amantes senão pelo seu proprio coração, que tem pouca semelhança com a natureza aspera dos homens. D'isto resulta que ellas os amam pelas qualidades que lhes dão, e não pelas que elles possuem, as quaes raras vezes merecem ser amadas.

(Lady BLESSINGTON).

O homem capaz de ser amigo de uma mulher joven, sem procurar tornar-se seu amante, é sem duvida alguma de uma natureza superior.

(Mme. FLORA TRISTAN).

Á ILMA. SNRA. D. F. DE V. B.

POR OCCASÃO DE FAZER OUVIR AS MELODIAS DE SEU CANTO NA NOITE DE 3 DE JULHO DO CORRENTE ANNO.

Que magico enleio! que doce harmonia
Inspira o teu canto suave argentino!
Por elle te amei, por elle dizia
Que éras um anjo—um ente divino!

Agora conheço o quanto a natura
Em ti se esmerou nas prendas mimosas,
A graça, a belleza, a maga ternura
Esmaltam teu rosto de flôres viçosas.

Mulher adorada! Visão sempre bella!
Attende á pureza de minha paixão,
Só quero te amar, ó linda donzella,
Só quero que impéres no meu coração!

—A decifração da charada do n. antecedente é *Paninho*.

mas não queria ver a minha boa Julia senão no dia em que lho pudesse dar alguma felicidade...

—Meu Pai...

—Escutai. Sei, Doutor, o que fizestes para salvar a minha filha.

—Fiz o meu dever.

—Sei tambem do amor que existe no coração de ambos. Appareceram, Doutor, muitos pretendentes a mão de minha filha, a todos ella se recusou, parecia que o seu coração não tinha nascido para o amor, entretanto assim que vos vio pareceu que começou logo a amar-vos; foi pois o destino quem fez nascer tão depressa esse amor entre vós, como se um tivesse nascido para o outro.

—E assim é tudo; quem diz ao passaro como deve formar o seu ninho? quem diz á roseira—dá flores e cresce? quem aponta á estrella o giro que deve seguir? quem mostra ao coração da mulher o homem, que deve ser o seu csposo? Deos, o destino!
—Deos vos reunio, Deos vos abençõe!

Fim.

Typographia de Paula Brito

64 — Praça da Constituição — 64